

O sol na história: Benjamin e a interrupção

Renato Silva Melo

Doutor em História pela UFMG e Mestre em História Econômica pela USP.
Docente na UEMG. Professor de História e de Sociologia.

renatosim@yahoo.com.br

Resumo

A história se renovou profundamente no século XX, principalmente com a entrada em cena de novos objetos e novas formas de olhá-los. A Escola dos *Annales* estabeleceu novos parâmetros de pesquisa ao revolucionar o tempo histórico. Também a micro-história revitaliza o objeto histórico ao propor deslocamentos que vai do normal ao “excepcional”. Dentro dessa mudança substancial do campo historiográfico, mostraremos como os escritos de Walter Benjamin são importantes por ressignificar o tempo histórico por meio da dialética na interrupção. Benjamin queria interromper o curso do mundo concebido como progresso por este estabelecer um *continuum* linear e alienante.

Palavras-chave: Benjamin; interrupção; dialética; tempo; progresso

1 O sol na história: Benjamin e a interrupção

O pensamento de Walter Benjamin é um referencial importante para o campo das Ciências Sociais. A maneira desse filósofo focar os objetos, abordando-os como um caleidoscópio, imprime na ciência histórica um olhar centrado em um novo paradigma, que se expressa na “dialética na interrupção” (*Dialektik im Stillstand*). Os paradigmas tradicionais sofrem com a rapidez dos acontecimentos e transformações nas sociedades

industrializadas. Os novos campos de investigação e também as novas abordagens nas ciências sociais demandam instrumentos práticos e eficientes na compreensão dos objetos. Um esquema explicativo do pensamento de Benjamin é legítimo se for acompanhado da convicção de que isso representa uma incontornável diminuição de sua força expressiva.

O campo da historiografia se renovou profundamente no século XX, principalmente com as novas perspectivas e com os novos objetos na história. A Escola dos *Annales* estabeleceu novos parâmetros de pesquisa, multiplicando os recortes de análise dos objetos históricos. Com a crítica aos métodos tradicionais de escrever a história, os *Annales* revolucionaram o tempo histórico. Eles inseriram novos temas e novas abordagens para se pesquisar o passado. A micro-história, a partir de novos ângulos de análise, vem mostrando métodos eficazes de abordagens de objetos que, até pouco tempo atrás, não recebiam a devida atenção. Essas duas correntes historiográficas foram importantes por revitalizar o campo da história, ressignificando o tempo histórico. Delinearemos como se processa a dialética na interrupção se configurando como um novo estatuto na crítica historiográfica.

É necessário mostrar a operacionalidade do método de Benjamin para tentar suprir algumas deficiências na apreensão do objeto histórico. Objetivamos apenas delinear alguns pontos característicos da dialética temporal que tem como referência a interrupção na história. Walter Benjamin, comungando com as transformações surgidas na antropologia, na psicanálise, na linguística e nas artes no início do século XX, propõe, na latência de seus textos, um novo olhar para o objeto histórico, que rompa com a prefiguração homogênea e “etapista” do tempo.

2 Annales e interrupção

O olhar histórico foi redimensionado no século XX devido à contribuição dos organizadores da revista *Annales*, principalmente no que se refere à explicitação das várias interseções temporais. A inovação metodológica proporcionada

pelos membros dos *Annales* foi sustentada por uma nova perspectiva temporal, consubstanciada na interdisciplinaridade. Mas essa interdisciplinaridade seria incompatível com a temporalidade do acontecimento, do único, do singular e do irrepetível. Ela não teria lugar numa perspectiva linear, progressista e teleológica da dita história tradicional e irreversível das filosofias da história (VOVELLE, 1990).

A revolução epistemológica dos *Annales* está intrinsecamente relacionada à mudança na compreensão do tempo histórico. Antes dos *Annales*, os historiadores, mesmo heterogêneos, nunca chegaram a concebê-lo tal qual. Bloch e Febvre, ao recusarem o tempo teleológico da filosofia e da teologia, que sempre apontava para um futuro organizador da razão ou da providência, aproximam-se do tempo da ciência. Tanto o espírito universal, colocado no interior da história, quanto o espírito transcendente assumem uma perspectiva progressista que solapa as diferenças. Em nome da história de *longue durée* e da *mentalité collective*, Fernand Braudel problematiza o conceito de tempo na historiografia e questiona a história dos acontecimentos e do tempo breve na escrita histórica tradicional, prefigurando outra perspectiva para o passado.

Os *Annales*, ao incorporarem a simultaneidade e a quantidade das Ciências Sociais, não abrem mão da sucessão, da qualidade, da mudança qualitativa na história. Se eles recusam o progresso, é porque esse conceito, herdeiro do Iluminismo, implica apreensão da história como a realização de valores, conservadores ou progressistas, como demonstrou Benjamin, referindo-se ao historicismo e à socialdemocracia alemã, nas teses *Sobre o conceito de história* (1990) e nos fragmentos da obra das *Passagens* (2006).

Conforme a nova história, as direções são múltiplas do processo histórico e que devem ser observadas nele, sem a metafísica do progresso linear. A definição da direção do tempo é constatada e não assimilada especulativamente na forma antecipada de um vetor. O desdobramento do tempo não é uniforme. O que a *nouvelle histoire* recusa na ideia de progresso é a consideração histórica de futuro, pois este se torna tema de

debate político, que envolve necessariamente a vontade e o sentimento. No entanto, a vontade e o sentimento “não é tema da discussão histórica científica, que envolve uma pesquisa empírica, uma análise conceitual, a construção de modelos de validade limitada e, sobretudo, a neutralidade em relação a valores” (REIS, 1994, p. 128). A nova história não aceita a ideia de um tempo progressivo porque este é contínuo, cumulativo e irreversível. O tempo dos *Annales* é pluridirecionado, múltiplo, descontínuo e assimétrico, sem unidade totalizante. O tempo assim caracterizado deve ser construído pelo historiador, precisa ser coordenado em seus movimentos e mudanças objetivas heterogêneas. Como afirma Reis:

Como não é mais Deus ou o progresso, hipóteses globalizantes, que coordenam os tempos diferentes, fazendo-os convergir, os historiadores diversos, com suas problematizações singulares, conjunto de documentos específicos, teoria e conceitos particulares, é que reconstruirão esses processos objetivos, assimétricos entre eles, pluridirecionados e, internamente, também plurais e heterogêneos. (REIS, 1994, p. 130)

O tempo histórico não contínuo, não progressivo, não cumulativo, não universal, não direcionado especulativamente, não linear, não global porque artificial leva a uma mudança significativa na observação dos processos objetivos, qual seja, a de perceber as estruturas particulares antes que universal. A história estrutural concebe dois tipos de mudanças: as conjunturais e as estruturais; as primeiras, reversíveis e as seguintes, irreversíveis. Entre as estruturas “há uma ruptura irreversível; internamente a elas, há ciclos de crescimento e declínio, que tendem a se compensar, embora sempre haja uma tendência ao crescimento” (REIS, 1994, p. 132). Os *Annales* inovaram a história de forma consequente, ao criticar a irreversibilidade continuísta e homogênea, auditando para as descontinuidades, para as diferenças, para as rupturas inerentes ao tempo. O conhecimento se processa também por contrastes, pelas diferenças, pela alteridade.

A história é uma disciplina vigorosa, porém, apresenta-se, na contemporaneidade, atravessada por incertezas vindas de suas alianças tradicionais com as Ciências Sociais. Essa

instabilidade também é a resultante de modos de inteligibilidade que davam suporte a uma história universal e unitária em seus objetos. Esse estado de incerteza, instabilidade e indecisão que caracteriza a história se apresenta numa corrente que é o próprio reverso da vitalidade que a atravessa, e que, de maneira desordenada e livre, multiplica os campos de pesquisas e de novas experiências. Para Roger Chartier, a crise nas Ciências Sociais potencializou novas descobertas, a partir das exigências de sairmos do nosso conformismo, em decorrência da indecisão na análise do objeto e do conhecimento na história. Devemos observar, no entanto, que as representações objetivistas calcadas no marxismo ortodoxo e no estruturalismo obrigaram sociólogos e etnólogos a procurarem novas perspectivas, “invocando contra as determinações imediatas das estruturas as capacidades inventivas dos agentes, e contra a submissão mecânica às regras as estratégias próprias da prática” (CHARTIER, 1989, p. 1.507).

Os historiadores mais recentes, principalmente os ligados aos *Annales*, criticam o tratamento de identificar as estruturas sociais e inconscientes e as relações ordinárias que, independentemente das percepções dos indivíduos e de suas intenções, governam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais e engendram formas do discurso. Eles criticam a afirmação de uma radical separação entre o objeto do conhecimento histórico e a consciência subjetiva dos atores (CHARTIER, 2002).

Esses novos pesquisadores rompem os procedimentos que submetem a história ao número e à série, ao paradigma galileano propriamente dito. Nesse paradigma explicativo, sobressai uma história horizontal contínua, sem assaltos ou acidentes – por isso, longe da complexidade da realidade cotidiana. A inovação permeará a história que saberá criar circunstâncias de reconhecimento das práticas dos agentes. Ao renunciar à primazia do recorte social e mecanizante das estruturas para considerar os desvios culturais, abrem-se para a história perspectivas de pensar outros modos de articulação entre as práticas e o mundo da vida, sensíveis à pluralidade das clivagens que perpassam as sociedades e as diversidades presentes nos

códigos partilhados pelas comunidades.

Voltar a atenção para as condições e os processos que sustentam as operações de produção de sentido pode nos dirigir contra os pensamentos que nos levam ao universal homogeneizador das diferenças e, assim, pode nos tornar sensíveis para apreendermos as categorias que são dadas como invariantes e construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. Manifesta-se nessa ideia de Chartier a preocupação de produção de sentido forjada numa escrita que não pondera os agentes históricos e suas práticas. Constroem-se histórias belas para se ler, mas desencarnadas do vivente, histórias das ideias, longe dos sujeitos que as pensaram.

Por causa disso, a história literária clássica caiu num certo ostracismo, por apreciar apenas a obra em si, bem como a *Rezeptionsästhetik* (estética da recepção), de H. H. Jauss foi alvo de sérias críticas por “postular uma relação pura e imediata entre os sinais emitidos pelo texto – que contam com as convenções literárias aceitas – e o horizonte de expectativa do público a que se dirigem” (CHARTIER, 1989, p. 1.513). Os textos devem ser subtraídos das reduções ideológicas que estão permeados e dos documentos que os destruíram como *pratiques discontinues*. Se Chartier propõe uma história que considere as representações dos indivíduos, a forma dos sujeitos históricos de representar suas representações, dos materiais escritos e as personalidades neles inscritos e as várias formas potencializadas de leituras, ele expressa o seu desgosto com a forma tradicional de escrever a história, fundada num quantitativismo opaco e serial, contínuo e universalizante. Ele quer entender o não discurso, a escrita apagada, descontínua, os interstícios das falas e os mecanismos de ocultação dos sujeitos. Ele quer compreender como viviam os indivíduos naquele tempo quase imóvel das estruturas inconscientes e determinismos geográficos.

3 Micro-história e interrupção

Nessa atmosfera de incertezas quanto ao fazer histórico, a micro-história traz reflexões e métodos importantes para

conhecimento do passado. Essa corrente fomenta deslocamentos fundamentais, indo das estruturas às redes, apontando das direção dos sistemas de posições às situações vividas, dirigindo das normas coletivas às estratégias singulares operadas pelos indivíduos nas comunidades. A “microstoria” busca reconstruir, a partir de uma situação particular, normal porque excepcional, a “exceção normal” evocada por Edoardo Grendi, a maneira como os indivíduos produzem o mundo social, por meio de suas alianças e confrontos, através das dependências que os ligam ou dos conflitos que os opõem (GINZBURG, 2007, p. 277). Os objetos da história não são mais, para a micro-história, as estruturas e os mecanismos econômicos que regulam as relações, mas as racionalidades, as inventividades e as estratégias efetuadas pelos indivíduos, pelas famílias, pela comunidade. A história se afirma centrada nas variações e discordâncias existentes, nas diferenças dos sistemas de normas de uma dada sociedade. O olhar antropológico e histórico se deslocou das regras impostas pela sociedade aos seus usos inventivos e criativos, pois “nenhum sistema normativo é, de fato, suficientemente estruturado para eliminar toda possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação” (LEVI *apud* CHARTIER, 2002, p. 84).

Os sistemas normativos são escritos numa história que se quer também normativa, não perscrutada pela diferença. Os historiadores italianos buscam a reconstituição dos processos dinâmicos e dialéticos que configuram, de maneira móvel e instável, as relações sociais. Devido ao fato de os homens viverem em constantes conflitos, abertos ou velados, somente um método que perceba as incongruências e desvios é que poderá representar a fidelidade dos acontecimentos. A crítica engendrada na micro-história se baliza também na crítica do progresso. Esse fato é demonstrado por Ginzburg ao citar uma passagem escrita por Philippe Ariès:

A crítica do progresso passou, de uma direita reacionária que, de resto, a tinha deixado de lado, a uma esquerda, ou melhor, a um esquerdismo de contornos indefinidos, confuso mas vigoroso. Creio

(trata-se de uma hipótese) que exista uma relação entre a reticência, que emergiu no decorrer dos anos 60 ao desenvolvimento, ao progresso, à modernidade, e a paixão com que os jovens historiadores enfrentaram o estudo das sociedades pré-industriais e as suas mentalidades (ARIÈS *apud* GINZBURG, 2007, p. 260).

A crítica ao progresso é um sintoma de uma mudança mais ampla que teve início no século XIX e que é retomada, muitas vezes inconsciente, dos temas do anticapitalismo romântico pelos movimentos ecológicos. No entanto, como afirmamos, essa crítica ao progresso também já estava presente nas teses e nas *Passagens* benjaminianas que, acreditamos, influenciou, de maneira indireta, boa parte dos pesquisadores. Uma modernidade que se mostrou pródiga nas técnicas da arte e da cultura se mostrou igualmente destruidora nos conflitos grandiosos do século XX. A razão instrumental, balizada na ideia de progresso, ao representar também calamidades e mortes, provocou crescentes análises no pensamento contemporâneo em relação ao uso desmesurado da tecnologia. A contribuição da micro-história foi importante no sentido de combater a abstração etnocêntrica das teorias da modernização, o seu progressismo e suas narrativas ufanistas. O componente de convergência entre a história praticada pelos *Annales* e a micro-história se situa na rejeição do etnocentrismo e da teleologia que caracterizava a historiografia que nos foi legada do século XIX. O advento do Estado Nacional, a chegada da burguesia ao poder, a expansão econômica e a missão civilizadora da “raça” branca proporcionaram aos historiadores “um princípio unificador que era ao mesmo tempo de ordem conceitual e narrativa”. (GINZBURG, 2007, p. 261) Nessas linhas de Ginzburg, verifica-se o prognóstico similar ao de Benjamin, ao recusar tanto a teleologia da filosofia da história, quanto a narrativa do “Era uma vez...”. (BENJAMIN, 1990, p. 702) Igualmente recusa o progresso que oculta a luta dos vencidos. O rompimento com uma história que se fundamentava em qualquer tipo de determinismo, de estruturas imóveis, de processos sociais sem indivíduos, é a resultante de um pensamento que não aceita o *continuum* histórico progressista, o etapismo ordenador das escalas arbitrárias do tempo, o

positivismo que se mascara em ciência da história.

Ginzburg mostrou em *O queijo e os vermes* (1986) a sua filiação ao pensamento benjaminiano. Não somente na introdução ao livro, mas também na maneira como tratou da documentação referente ao objeto. A partir da reflexão sobre as relações entre as hipóteses de pesquisa e estratégias narrativas, o autor se debruçou na tentativa de reconstruir o campo das experiências, o mundo intelectual, ético, moral e fantástico de um moleiro, usando uma documentação produzida pelos agentes do tribunal do Santo Ofício. O objetivo de Ginzburg era expor um relato numa escrita histórica “capaz de transformar as lacunas da documentação numa superfície uniforme” (GINZBURG, 2007, p. 265). O autor usou as dificuldades inerentes à documentação como parte do relato, mas nem por isso a escrita deixou de fluir cognitivamente. As incertezas, as dúvidas, as hesitações, os obstáculos, os silêncios do protagonista da história, bem como as perguntas contundentes e reveladoras da autoridade constituída, dos inquisidores, tomaram parte na narrativa. Com essa metodologia, sobressaiu a história de um vencido pela inquisição, uma exceção normal num universo contingente.

O pesquisador da micro-história deve manter o diálogo, no entanto, com a macro-história, para permear qualquer estudo sério; esse diálogo deve ser perseguido pelo historiador consciente das intempéries do tempo histórico. Para Ginzburg, assim como para Siegfried Kracauer, Marc Bloch sintetiza o macro e o micro na pesquisa exemplar que foi *La Société Féodale*. O livro é estruturado num vaivém entre a micro-história e a macro-história, num movimento entre *close-ups* e planos gerais. Bloch põe em escrita dinâmica a visão conjunta de todo o processo histórico, por meio das exceções aparentes e de causas breves dos períodos pesquisados. Essa metodologia desemboca “numa afirmação de natureza decididamente ontológica: a realidade é fundamentalmente *descontínua e heterogênea*”. (GINZBURG, 2007, p. 269 – grifo nosso) Entretanto, não se pode tomar um âmbito da micro-história e transferi-lo de forma automática para a macro-história, ou vice-versa, pois cairíamos,

destarte, num mesmo reducionismo metodológico e não dialético. Kracauer é importante para a reflexão de Ginzburg por ser um referencial que trabalha a história a partir da ideia crucial de descontinuidade da realidade, o que possibilita a consciente reelaboração de alguns fenômenos da história.

Infere-se, pois, dessas correntes historiográficas, que a configuração do paradigma da descontinuidade surge, de forma lenta, mas substancialmente sólida, para o pesquisador que se atém à inventividade do sujeito, à crítica do continuísmo metodológico, aos desvios, às arestas interpostas nos documentos ou relatos. Os obstáculos postos ao historiador, com as suas lacunas e distorções, devem tomar parte do modelo estilístico e narrativo que perscruta a realidade com o fio da busca da verdade, ainda que sempre parcial, mas construtora do conhecimento.

4 Benjamin e a interrupção

Walter Benjamin, ao se aproximar do marxismo, não aliviou as suas críticas à socialdemocracia nas teses *Sobre o conceito de história*. A socialdemocracia alemã acreditava numa continuidade da história, num *continuum* histórico característico do historicismo. Tal postura levava o proletariado a aceitar o “saber” da burguesia acumulado sobre a história dos vencidos, saber que não levava em conta a “práxis” da situação de classe dos trabalhadores. A ideia de um progresso linear permeava o “marxismo vulgar” da socialdemocracia. Ela acreditava num progresso automático, continuamente implicado pelo curso da história caracterizada sem nenhum hiato. Benjamin está também interessado nesses hiatos da história. Karl Kautsky, considerado o guardião da ortodoxia do partido socialdemocrata alemão, afirmava que seria “anticientífico forçar o movimento da história por meio de uma revolução prematura”. (DUPEUX, 1992, p. 28) Longe de ser um pensamento isolado, as ideias de Kautsky sobre a evolução da história eram quase consensuais no seio do partido. Haveria um tempo e um momento certo em que a revolução deveria estourar, bastando então que os combatentes estivessem

preparados para tal instante, sem apressar ou adiantar a marcha da história. Esse tipo de pensamento teria criado uma cultura de conformismo político e intelectual criticada duramente por Benjamin. Para ele, os trabalhadores deveriam perceber que a cada momento da luta se adquire o sentido revolucionário, mesmo nos momentos mais simples do cotidiano.¹

A concepção de história da socialdemocracia levaria os operários a acreditar que as sociedades deveriam passar por etapas evolutivas sucessivas. “O desenvolvimento das forças produtivas lhes traria, desse modo, inexoravelmente, de maneira mais ou menos automática, a libertação”. (KONDER, 1988, p. 78) Mas o progresso corresponde, segundo a metodologia benjaminiana, ao tempo *continuum* do historicismo, e o desenvolvimento técnico, considerado como saída para o proletariado, não passa de conformismo. “O conformismo, que no início esteve em seu elemento na socialdemocracia, está presente não só em sua estratégia política, mas também em suas concepções econômicas”. (BENJAMIN, 1990, p. 698-699) Na tese X, Benjamin acusa os políticos, em quem a oposição ao fascismo tinha confiado a esperança, de trair a sua causa. Benjamin se dirige principalmente aos políticos que acreditavam cegamente no progresso e em suas “bases nas massas”.

A luta contra o fascismo, empreendida nas teses X e XI, é uma *Kulturkampf*, em que tanto o progresso quanto a cegueira por ele causada estariam na origem da perdição da classe dos trabalhadores. Rejeitando as ilusões dominantes no seio da esquerda, Walter Benjamin aspira a uma teoria da história a partir da qual o fascismo e os seus congêneres possam ser percebidos. A socialdemocracia acreditava que a humanidade progride além do “conhecimento e das habilidades”; que o progresso era infinito, bem como a capacidade de “aperfeiçoamento” do gênero humano; e que o progresso era um processo automático, que “avançava como numa espiral”. A crítica que deve ser feita em comum a todos esses itens é que

1 Lukács também afirma que a relação com a totalidade é “inerente a cada momento precisamente no seu aspecto cotidiano, o seu aspecto mais simples e mais prosaico, mas que só se torna real uma vez que dela se tome consciência e confira assim a realidade ao momento da luta cotidiana, manifestando a sua relação com a totalidade”. (LUKÁCS, 1989, p. 38)

eles têm a concepção de progresso da humanidade na história em consonância com a marcha uniforme de um tempo padronizado. (BENJAMIN, 1990) O tempo padronizado oculta as “regressões da sociedade” e estabelece uma visão estática que somente enxerga a si mesma.

O operariado foi corrompido por acreditar que “navegava a favor da correnteza” e que o trabalho industrial, ao apresentar traços de um “progresso técnico”, representaria uma conquista política. (BENJAMIN, 1990) Com essas concepções, os trabalhadores não precisavam lutar conscientemente por uma revolução, já que ela seria inexorável, e que o trabalho humano levaria ao domínio sobre as forças produtivas. Os trabalhadores não perceberiam, assim, que eles mesmos não se apropriariam de seus produtos. E a socialdemocracia, mais ainda, não perceberia as regressões da sociedade, embutidas nos traços tecnológicos, muito menos as diretrizes que fomentavam o fascismo. Nesse ponto, ela se emparelhava com o discurso positivista, ao estabelecer uma relação de causalidade, advinda das ciências naturais. Com ironia, Benjamin chega a elogiar as ideias do socialista utópico Charles Fourier como mais razoáveis do que as socialdemocratas. Conforme o horizonte benjaminiano, as fantasias concernentes ao trabalho de Fourier tinham a peculiaridade de libertar a criatividade potencializada no labor diário.

A socialdemocracia não conseguiu perceber, segundo a tese XII de Benjamin, que o sujeito do conhecimento histórico era particularmente a própria classe oprimida. Essa classe deveria vingar, em nome dos vencidos, os anos de opressão das gerações passadas. Talvez a última ressonância dessa classe libertadora tenha sido o movimento *Spartacus*, do qual fazia parte Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, o que, lamentavelmente, não foi percebido pela socialdemocracia em sua época. Ou melhor, a socialdemocracia lutou contra o espartaquismo, alinhando-se aos conservadores. A crença inveterada no progresso levou a socialdemocracia a colocar a classe trabalhadora apenas como “redentora das gerações futuras”. Esse parâmetro teria feito os trabalhadores perderem o “espírito de sacrifício” originado das vozes e imagens dos

antepassados. A consequência disso foi a redução do espírito dos trabalhadores a um conformismo ingênuo.

Para Habermas, haveria uma contradição entre a filosofia da história benjaminiana e a ideia do materialismo histórico. (HABERMAS *apud* LÖWY, 1994, p. 11) Segundo Habermas, quando Benjamin estabelece uma concepção antievolucionista da história, está recobrando o materialismo histórico com “um capuz de monge”. De fato, esse pressuposto leva a um conflito de interpretações dominantes sobre o materialismo histórico no decorrer do século que passou. Todavia, inúmeros trabalhos contemporâneos fazem uma interpretação dialética e antievolucionista da história que vê os frutos do progresso e suas regressões. Löwy afirma que o nazifascismo “leva às últimas consequências a combinação tipicamente moderna entre progresso técnico e regressão social”. (LÖWY, 1992, p. 121) O que parece um erro para Habermas, está na origem do pensamento criativo e singular de Benjamin, principalmente ao compreender a imbricação de modernidade com barbárie. Com razão, o próprio Benjamin considerava o seu pensamento como constituído de um “rosto de Janus”, embora alguns críticos se apeguem a apenas uma face, esquecendo o outro lado do rosto. (LÖWY, 1994; SCHOLEM, 1989).

Em consonância com os críticos pertinazes do seu tempo, Walter Benjamin tinha consciência de que as formas conservadoras, imanentes às sociedades, aproveitavam as fraquezas dos revolucionários para se mostrarem. É por isso que, quando a esquerda evitava falar de seus equívocos na interpretação e práxis históricas, estava, de alguma forma, protegendo o conservadorismo presente nesses processos e não se resguardando do domínio da direita. De acordo com o filósofo Konder, ninguém possui uma visão espontânea e criticamente madura, pois são os outros que nos despertam a atenção para as nossas deficiências e nos auxiliam a superar as nossas automistificações. É através do diálogo, palavra que tem a mesma origem de dialética, que procuramos nos situar. É por meio da interlocução, mesmo de nossos adversários que nos perturbam ou nos desagradam, que aprendemos a pensar a

mudança, pois os sujeitos históricos precisam ver a verdade nos vários momentos históricos. A riqueza de experiências se realiza em diferentes condições históricas. (KONDER, 1988)

Benjamin procurava a melhor maneira de contemplar o histórico e as manifestações do espírito. Adorno chega a classificar o pensamento de Benjamin como histórico-cultural, devido ao fato de que todos os elementos fossilizados ou obsoletos da cultura, todos os objetos ou seres que perderam a sua vivacidade, “falavam” aos seus ouvidos. A história se expressa como ruína na teoria de Benjamin, figura na qual o restante da história possível está incluído. A história só realizou uma de suas inúmeras possibilidades, uma vez que tardou em trazer à luz a história dos vencidos. Como na alegoria, em que buscava despertar do petrificado a vida congelada, Benjamin também procurou considerar o que está vivo, para que se apresentasse o que já transcorreu, ou seja, a proto-história, para a liberação do significado. (ADORNO, 1985)

Revelar a história que está oculta sob os escombros, soterrados pela história dos vencedores, é um caminho que promove a crítica do passado a uma tomada de consciência no presente. A consciência da transmissão cultural do passado é um mecanismo importante na tomada de posição política. O passado não é uma “natureza petrificada”. Deve-se olhá-lo buscando as categorias culturais que sirvam para a emancipação humana. A história, segundo a definição benjaminiana presente na tese XIV, é objeto de uma construção, repleto do tempo-de-agora (*Jetztzeit*). (BENJAMIN, 1990) Repele, com essa característica, a concepção de um tempo “homogêneo e vazio”, constante do historicismo e da socialdemocracia. O momento de pausa, caracterizado como *Jetztzeit*, possui um elemento vital para interpretar o passado: a mônada, conjunto composto por unidade de força.²

O historiador materialista dialético capta o momento do fato histórico nas entranhas da civilização do progresso. Ele deve

² Segundo Leibniz (*apud* CHAUI, 2000), o universo é composto por unidades de força, caracterizando-se como mônada. No entanto, mônada pode ser considerada ainda como a experiência interior que cada indivíduo tem de si mesmo ao mesmo tempo em que o revela como uma substância una e indivisível. Ver CHAUI, Marilena de Souza. Vida e obra de Leibniz. In: *Leibniz*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

lançar mão da mônada para captar o instante significativo do passado no presente. “Cada momento do presente tem que captar a mônada precisa da correspondência que implica (*meinen*) ambos, o presente e aqueles momentos do passado.” (MATOS, 1989, p. 32) O historiador materialista possui a peculiaridade, em relação à historiografia tradicional, de trabalhar a história com um princípio construtivo. Proceder-se à destruição de sistemas explicativos autossuficientes, alicerçados numa cronologia teleológica, para, em seguida, proceder à construção histórica. O processo construtivo se efetiva na problematização dos dados, e não na descrição linear. O historiador crítico age de maneira cautelosa, pois necessita do ato de pensar – que pertence à interrupção dialética (BENJAMIN, 1990)

Em Walter Benjamin, deve-se levar em consideração que os objetos perdem a sua identidade de coisas ou de obras acabadas, para fazerem parte de uma “desintegração atômica”. (MATOS, 1993, p. 13) O passado, ao ser atualizado dialeticamente, revela a carga explosiva que estava latente, uma carga explosiva de futuro que estava comprimido. (BODEI, 1986) São os fragmentos do passado que se unem numa história em construção, numa história repleta de “agora”. Tanto a escritura da filosofia quanto da historiografia são concebidas numa construção, na medida em que confluem indivíduo e história, para romper a concepção tradicional de conhecimento. Essa concepção a ser dilacerada é aquela que se estrutura num conhecimento lógico-linear, tanto na que se assenta numa linguagem como mera representação e *mimese* de uma realidade estática, quanto na visão linear da história. (SELIGMANN-SILVA, 1999) Os detritos, as sobras, os fragmentos do cotidiano são potencializados, quando colocados numa nova relação. Isso é feito de maneira criativa, por exemplo, por uma criança, quando pega os restos de uma oficina e os coloca numa relação original e significativa para ela. Se tal organização não faz sentido para o adulto, esses detritos formam um novo “rosto” do mundo para as crianças. “Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas.” (BENJAMIN, 1994, p. 238) São os fragmentos que entram numa justaposição que ajudam a

construir a história de mulheres e homens. Após justapor os fragmentos significativos e irradiadores, a história a ser construída abarcará o conhecimento em toda a sua espacialidade. No fragmento, tem-se um inacabamento de uma tensão, que anseia por unidade significativa. Todavia, essa busca não é atingida de forma conclusiva. No final da escrita, sempre fica um resíduo que, aparentemente incongruente, deixa os rastros para novos significantes.

Benjamin, ao se opor a uma história que determina um início causalista, cujo sistema explicativo passa pela simetria homogeneizante, propõe uma reflexão alicerçada no trabalho do historiador que perceba as interrupções, no desenvolvimento dos fatos. Ao interromper o desenvolvimento falsamente construído, o historiador confere ao pensamento a propriedade de se deter “numa constelação saturada de tensões”. (BENJAMIN, 1990, p. 702-703) O pensamento irá se deparar com uma situação de choque, na qual ocorre uma cristalização, como se fosse uma mônada. Com esse gesto brutal e inesperado, suspende-se o tempo, como os atiradores nos relógios na Paris do século XIX, conforme consta na tese XV. (BENJAMIN, 1990, p. 701-702) A interrupção do tempo tem no gesto de Josué a imagem síntese.

Quem poderia imaginar! Dizem que irritados contra a hora
Novos Josués, ao pé de cada torre
Atiraram nos relógios para parar o dia.

Walter Benjamin vai ao antigo testamento para se apropriar de uma imagem da tradição messiânica, a fim de mostrar que os revolucionários não devem tomar a história como um fenômeno temporal infinito e progressista. Eles devem procurar interromper o curso dos dias, no sentido de tomar consciência histórica. (LÖWY, 2007) Benjamin faz referência a Josué para deter a marcha do tempo dos historicistas, dos positivistas e também dos socialdemocratas, que acreditavam num *telos* imanente da história. Nas crônicas das vitórias dos exércitos conduzidos por Josué, Javé paralisa o sol para deter a marcha do tempo.

E o sol se deteve e a lua ficou parada, até que o povo se vingou dos inimigos. No Livro do Justo está escrito assim: O sol ficou parado no meio do céu e um dia inteiro ficou em ocaso. Nem antes, nem depois houve

um dia como esse, quando Javé obedeceu à voz de um homem (BÍBLIA, 1990).

O sol precisava ficar parado naquele dia para que o exército tomasse fôlego e continuasse a sua jornada de lutas, vencendo os inimigos. Trata-se de interromper a marcha catastrófica do mundo, representada pelo progresso. Nessa imagem, Benjamin pretende imprimir uma interpretação nova, ao preconizar a interrupção do tempo na história. Benjamin retoma essa imagem alegórica e transformadora nas *Passagens*, quando afirma que Baudelaire queria interromper o curso do tempo: “Interromper o curso do mundo – esse era o desejo mais profundo em Baudelaire. O desejo de Josué.” (BENJAMIN, 2006, p. 363) A impaciência de Baudelaire é a mesma de Benjamin: o desejo renovado de atingir o “mundo no coração”. Em ambos, o inconformismo defronte às consciências adaptadas ao *continuum* do tempo linear. A consciência revolucionária – tal como dos trabalhadores de julho de 1830 em Paris – pode explodir a continuidade anestésica dos vencedores. Löwy usa um exemplo latino-americano para interpretar essa tese: trata-se do ato simbólico, nas comemorações oficiais do 500º aniversário da “descoberta” do Brasil pelos navegantes portugueses, das organizações operárias e camponesas, juntamente com movimentos de negros e indígenas, repudiarem as festividades ligadas ao evento. Esse simbolismo contestatório fica evidente quando um grupo de indígenas atirou flechas contra o relógio que marcava os dias e as horas do 500º aniversário. (LÖWY, 2007, p. 126-127) A tese XV, ao mesmo tempo em que tenta responder a um momento dramático por que passavam os povos que se opunham ao nazifascismo, possui o teor de uma metodologia historiográfica que rompe com a historiografia conservadora.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Caracterização de Walter Benjamin. In: COHN, Gabriel (org.) *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Über den begriff der geschichte. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.
- BENJAMIN, Walter. Livros infantis antigos e esquecidos. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. In: BOLLE, Willi (org.). Tradução do alemão de Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- Bíblia sagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- BODEI, Remo. “L’expérience et les formes”. In: WISMANN, H. (org.) *Walter Benjamin et Paris*. Paris: Cerf, 1986.
- CHARTIER, Roger. Le monde comme representation. *Annales*, n. 6, p. 1.505-1.520, nov./dez. 1989.
- CHARTIER, Roger. *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. Vida e obra de Leibniz. In: *Leibniz*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- DUPEUX, Louis. *História cultural da alemanha 1919-1960*. Tradução de Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1992.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo:

Companhia das Letras, 1986.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LÖWY, Michael. A Escola de Frankfurt e a modernidade. Tradução de Murilo Marcondes de Moura. *Novos Estudos*, n. 32, mar. 1992.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin e o marxismo. *Trans/form/ação*, 17, 1994.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2007.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Tradução de Telma Costa. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATOS, Olgária C. F. *O iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

REIS, José Carlos. *Tempo, história e evasão*. Campinas: Papirus, 1994.

SCHOLEM, Gershom. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza, Natan Norbert Zins e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica literária.* São Paulo: Iluminuras, 1999.

VOVELLE, Michel. A história e a longa duração. In: **LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (org.).** *A nova história.* Coimbra: Almedina, 1990.

The Sun in the history: Benjamin and the interruption

Abstract:

History was deeply renewed in the 20th Century, mainly with the introduction of new objects and new ways to look at them. The school of *Annales* had established new researching parameters by changing the historical time. In addition, the micro-history revitalized the historical object when it proposed some dislocations which vary from normal to exceptional. Among those changes in the historiographical field, we are going to show how important Walter Benjamin writings are, as they redefine the historical time through the dialects in the interruption. Benjamin wanted to interrupt the world natural course conceived as a progress because it established a linear and alienating *continuum*.

Keywords: Benjamin; interruption; dialects; time; progress

Enviado: 2012-08-09

Aprovado: 2013-01-29